

O Cemitério Ramalde, como espaço destinado à inumação de cadáveres e cinzas de pessoas falecidas e à perpetuação da sua memória, possui sepulturas perpétuas, jazigos, sepulturas temporárias, ossários e columbários.

O cemitério encontra-se dividido em dois espaços: Cemitério “Velho” e Cemitério “Novo”.



Cemitério “Velho”

O Cemitério “Velho”, edificado em 1862, é constituído por oito secções, que compreendem sepulturas temporárias, perpétuas e jazigos térreos, sendo ladeadas por jazigos térreos, capelas e ossários.



Cruzeiro

O cruzeiro era um local no cemitério onde as pessoas inicialmente acendiam velas, colocavam flores, oravam e homenageavam os seus familiares e amigos mortos que estavam inumados em outros cemitérios. Hoje, representa uma peça religiosa ornamental devidamente enquadrada no espaço de recolha.



Atualmente, o local para homenagear os familiares e amigos mortos inumados no nosso e em outros cemitérios, encontra-se na área de acesso aos ossários, no Cemitério “Novo”.





Cemitério “Novo”

O Cemitério Novo resulta da ampliação do Cemitério primitivo, que já se vinha manifestando insuficiente para dar resposta ao aumento de população da freguesia e procura. Foi inaugurado em 1989 e é constituído por 10 secções que compreendem sepulturas temporárias e perpétuas, rodeadas por jazigos subterrâneos e capelas.

Há um espaço destinado, unicamente, a ossários, com 414 gavetas, e columbários, com 65 gavetas.



Ossário paroquial “Central”



Ossário geral

Na entrada principal do cemitério situam-se as Capelas Mortuárias e uma Loja de Flores e Ceras. Propriedade da Junta mas concessionada através de concurso público.



Capela mortuária central



Loja de Flores e Ceras

Em 2009 procedeu-se à requalificação das Capelas Mortuárias e das áreas de serviços, permitindo um melhor conforto e funcionalidade.



Interior - Capelas Mortuárias





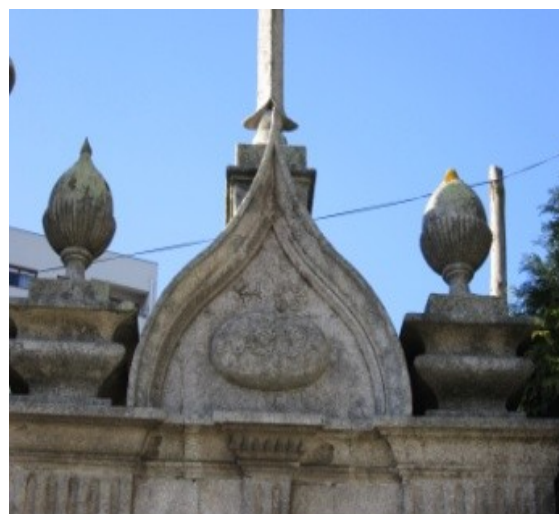
Entrada no Cemitério "Velho" pelo adro da Igreja antiga de Ramalde

O Cemitério de Ramalde surgiu no ano de 1862, como resultado dos decretos régios de 21 de setembro e 8 de outubro de 1835 (Ramalde não pertencia ao Porto mas a Bouças de Matosinhos), que tornaram obrigatória a construção em todo o território nacional de cemitérios municipais e paróquias.

A urbanização acelerada e o crescimento das cidades foram importantes razões para a criação de cemitérios coletivos a céu aberto, visto que o crescimento populacional não permitia mais enterramentos no interior das igrejas devido às condições de higiene e saúde pública.

Em 1844, a Reforma da Saúde Pública, que incluía a proibição de realizar enterros dentro das igrejas ou nos seus adros, originou descontentamento nas populações e forte revolta popular, o que levou a que os cemitérios fossem construídos num espaço sagrado, perto das igrejas, passando a ser os únicos espaços públicos de enterramento.

Em Ramalde, os primeiros Jazigos capela foram construídos no ano de 1863.



Jazigo capela n.º 1

Durante o século XIX, fortemente marcado pelo Romantismo, a arte funerária regista um grande desenvolvimento, que se traduz na construção de jazigos com esculturas e motivos arquitetónicos e utilização de novos símbolos, utilizando-se materiais como o mármore, o granito, o ferro fundido, o bronze e os azulejos e, em cima das sepulturas, uma diversidade de epitáfios.



Jazigo capela n.º 37



Jazigo capela n.º 39



Jazigo térreo n.º 89

Com efeito, a arte funerária reflete a visão do mundo e a interpretação da vida e da morte feita a partir de um determinado contexto histórico, social e ideológico, revelando a estrutura social e a mentalidade da sociedade ao tempo.



A ampulheta (Jazigo capela n.º 14)



Jazigo capela n.º 2

A **ampulheta**, na arte funerária, é um símbolo que expressa os mistérios de Deus no escoamento e transição entre a vida e a morte.

Representada na posição horizontal ou vertical, simboliza a passagem e o esvaziamento do tempo de vida. Também é encontrada associada a crânios e asas, com significado de morte e de passagem da vida.

O **anjo** é a escultura que mais se encontra no cemitério, tal como a **cruz**, símbolo da fé cristã, e a mais comum de todas, a cruz latina, representativa da ressurreição e da esperança da vida eterna.



O Anjo (Jazigo térreo n.º 84)



A Cruz (Jazigos térreos)

Encontram-se sepultados no Cemitério de Ramalde, Manuel Claro e Maria Adelaide Coelho da Cunha, protagonistas de uma história de amor que chocou a sociedade da época.

“Maria Adelaide Coelho da Cunha, filha e herdeira de Eduardo Coelho, fundador do Diário de Notícias, e mulher do administrador do mesmo jornal, Alfredo da Cunha, saiu de sua casa, o palácio de São Vicente, à Graça, para nunca mais voltar, pretendido começar uma nova vida junto de Manuel Claro, um homem com quase metade da sua idade e que até há um ano atrás fora motorista da família.

Maria Adelaide, de quarenta e oito anos, fugira para trocar um palácio em Lisboa por um primeiro andar alugado, modestíssimo, em Santa Comba Dão; um homem de cultura e de sociedade, seu marido e pai do seu único filho, por um “serviçal”, seu antigo “chauffeur” que se dizia negociante de várias coisas; uma requintada posição no topo da pirâmide social da época, por uma aldeia onde só convive com gente ordinária; sedas, tafetás, cetins, brocados, rendas e veludos, peles e joias, por roupas muito pobres.

Num país em que as leis autorizavam o divórcio, por que razão ele tinha sido sempre negado a Maria Adelaide Coelho da Cunha, preferindo-se em vez disso a solução do hospício? Recusara-lho o marido. E os parentes mais próximos, porque respeitam as convenções sociais.

Manuel Claro saiu da prisão a 28 de Janeiro de 1922, com uma fiança de oito contos, e a um mês de completar quatro anos de cadeia. Tinha à sua espera Maria Adelaide. Os dois foram, naturalmente, viver juntos”.

MANUELA GONZAGA – “Doida não e não!” Maria Adelaide Coelho da Cunha - Bertrand Editora

Maria Adelaide morreu em 1954 e Manuel Claro em 1967, encontram-se ambos sepultados em Ramalde.



Sepultura Perpétua n.º 14 da 4.ª secção

Sugestão e reflexão

Aquando da visita ao cemitério, aos seus entes queridos já falecidos, deixamos aqui uma sugestão:

Para que aquele espaço não seja simplesmente um local de tristeza, onde as pessoas são sepultadas, sugerimos que o mesmo seja visto noutra perspetiva: contemplem as obras de arte, procurando decifrar os símbolos e descobrir as figuras importantes que ali repousam, algumas das quais marcaram em suas vidas o desenvolvimento da nossa freguesia.

Projetos em curso

Temos um projeto de alargamento do Cemitério para a Rua das Andrezas, com mudança da entrada principal, a criação de um parque de estacionamento e de novas acessibilidades, mais funcionais e acessíveis, que completam a intervenção na via pública, por parte da Câmara Municipal do Porto, com o prolongamento da Rua S. João de Brito até à Rua do Pinheiro Manso.

E continuamos a investir no cemitério, independentemente das crenças, religiosas ou não de todos os que o frequentam. A Junta de Freguesia respeita quem partiu, independentemente da classe a que pertenceu pois, vale a pena citar um brocardo latino, “mortuis nisi bonum”, isto é, em tradução livre, “aos mortos só (olhamos) o que fizeram de bom”. Na verdade só o bem persiste, o mal não tem remédio, apenas o arrependimento (em vida, claro). Para tanto temos vindo a melhorar o espaço e vários arrumos, esperando brevemente melhorar os sanitários e espaço administrativo, recuperar um ou outro jazigo, eventualmente requalificando também o espaço onde está atualmente a Loja de Flores e Ceras. Da mesma forma, por notória ausência de espaço, tentaremos fazer um melhor aproveitamento do espaço-armazém ao fundo do cemitério adequando as várias lojas e arrumos que servem de armazém.

Por outro lado temos vindo a arrancar ou substituir algumas árvores (abetos) por ciprestes de raízes verticais que, com o tempo, afetam sepulturas levantando coberturas de mármore ou granito e originam reclamações de familiares. Mas é um trabalho que deve ter alguma sensibilidade e cuidados de estética, o cemitério não deve ficar totalmente despido de árvores.

As próprias capelas mortuárias precisam de alguma requalificação tal como o espaço fronteiriço uma boa intervenção.

Cemitério “Velho”



Entrada



Jazigo térreo n.º 89



Jazigo térreo n.º 96



Sepultura perpétua 50 da 1B



Sepulturas temporárias da 1Bª secção



Secção dos anjinhos



Sepulturas temporárias da 2ª secção



Jazigos capelas



Jazigo capela n.º 1



Jazigo capela n.º 7



Jazigo capela n.º 8



Jazigo capela n.º 10



Jazigo capela 13



Jazigo térreo 85



Jazigos capelas



Jazigos capelas



Jazigo capela 21



Jazigo capela 32



Sepulturas temporárias da 3.ª secção



Jazigo térreo n.º 34



Jazigo térreo n.º 42



Jazigo térreo n.º 143



Jazigo térreo n.º 35



Jazigo térreo n.º 73



Jazigo térreo n.º 135



Jazigo térreo n.º 142



Jazigos térreos n.ºs 111/122



Jazigo térreo n.º 106



Jazigo térreo n.º 84



Jazigo térreo n.º 79



Ossários Cemitério "Velho"

Cemitério “Novo”



Capela mortuária A



Capela mortuária B



Loja das Flores e Ceras



WC



Jazigos capelas



Jazigos capelas

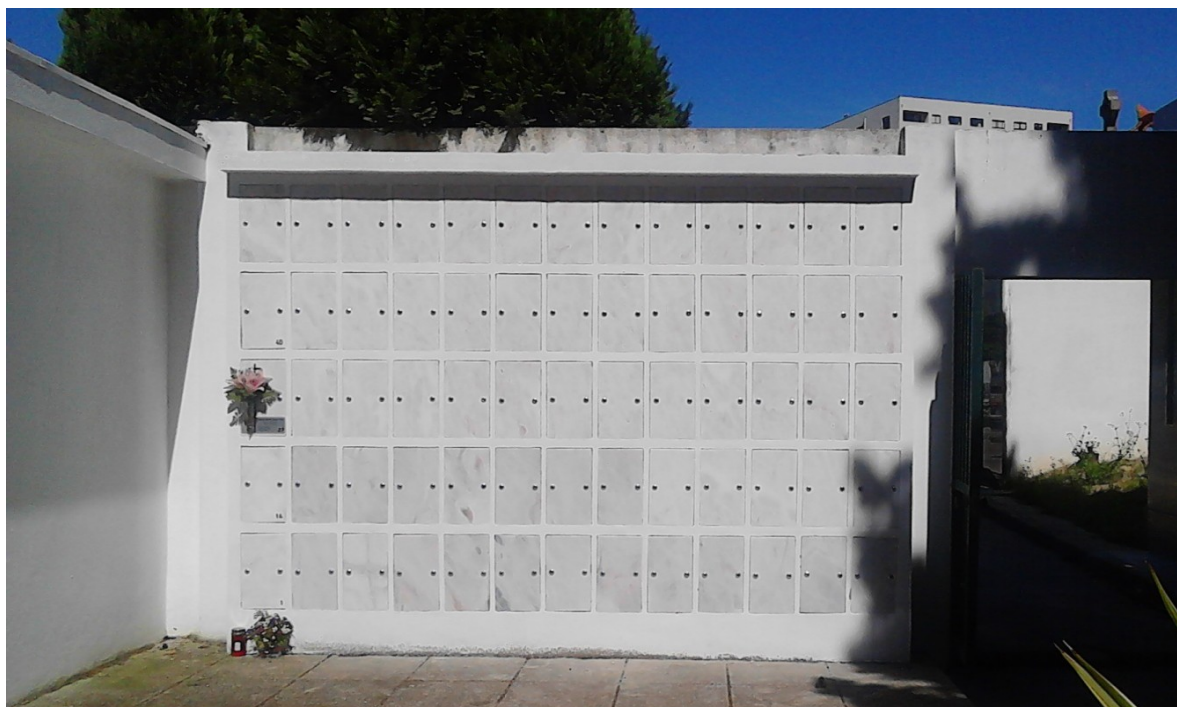


Interior – Jazigo capela



Jazigos subterrâneos

Columbários



Ossários



Setor A – N.º Sr.ª da Assunção



Setor B – São Salvador de Ramalde



Setor C – S. João



Setor D